

É dia de feira: um estudo antropológico das relações de sociabilidades nas feiras-livres de Divinópolis-MG

Gabriel Moura Silva¹

INTRODUÇÃO

O espaço das feiras-livres em um município caracteriza-se por uma função social que transforma a estrutura urbana, e que representa uma das mais antigas e resistentes formas de relações de comércio. Diversos autores das ciências sociais e humanas destacam a importância das feiras em seus inúmeros aspectos. Para Weber, o aparecimento das cidades está diretamente relacionado com o advento das feiras, que a partir das relações de comércio, provocam uma mudança na sociedade e nas relações econômicas². No mesmo sentido, Le Goff destaca que a “essas mudanças está ligado o fenômeno capital, o nascimento ou o renascimento das cidades. Sejam elas, novas criações ou velhas aglomerações, é o seu caráter novo e importante que determina o primado da sua função econômica”³. Segundo Bourdieu, “as feiras constituem um local de intensa relação social, um espaço de trocas de saberes e hábitos culturais”⁴. No Brasil, DaMatta descreve as feiras como espaços públicos de importantes relações entre a casa e a rua⁵. Dessa forma, observamos que o ambiente das feiras, envolve diversos atores, que através da interação, estabelecem além do comércio, suas histórias cotidianas e relações sociais. Assim, podemos pensar as feiras-livres como importante ícone de história local, social, cultural e identitária de uma cidade.

Definir com exatidão a origem histórica das feiras-livres não é tarefa fácil. Sua referência mais antiga é trabalhada por Mumford,

¹ Graduando em História – Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG - Unidade Divinópolis-MG.

² WEBER, Max. *Conceitos e Categorias da Cidade*. 1979. p. 67-68.

³ LE GOFF, Jacques. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. 1991. p. 08.

⁴ BOURDIEU, P. *A gênese dos conceitos de habitus e campo* 1989. p. 17.

⁵ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 1997. p. 61.

constatando a gênese da feira anteriormente a era cristã, em que já existiam duas formas clássicas de comércio, “a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas, possivelmente já tinham encontrado sua configuração urbana por volta de 2000 a.C.”⁶, demonstrando o caráter “primitivo” do evento⁷. Posteriormente, já no início da era cristã, podemos observar na clássica passagem Bíblica do Evangelho de João 2,13-17, a primeira descrição das feiras pós Jesus Cristo, em que este, entrando no Templo “encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados”⁸. Neste contexto, destacamos a apropriação do espaço religioso também como local de comércio, tornando o evento um fenômeno de múltiplas relações.

Seguindo uma orientação cronológica histórica das feiras-livres, diversos autores definem o apogeu do evento durante o período da Idade Média. De acordo com Pirenne, já no século IX, as feiras se apresentam como mercados locais organizados, para suprir a população local com gêneros de primeira necessidade⁹. Segundo Braudel, as feiras destacam-se como importantes agentes na “formação de excedentes de produção, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades”¹⁰. Neste contexto, Le Goff afirma que as feiras aparecem como importante ícone social desde a Idade Média¹¹. Neste período, existem três grandes polos comerciais na Europa, um na Itália e outro na Alemanha do Norte, dando origem aos mercados italianos e hanseáticos; o terceiro polo, no Noroeste europeu, é o centro do comércio de tecidos. É onde os italianos e hanseáticos vão buscar produtos têxteis para seus comércios, principalmente nas feiras. Já no século XIII, o grande destino dos mercados são as feiras da Champagne, onde se

⁶ MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas* 1998. p. 85.

⁷ Historicamente, o desenvolvimento urbano está diretamente relacionado à economia, considerando que a gênese das cidades acompanha a consolidação das trocas comerciais, desde os *bazaars* árabes, a ágora grega, os fóruns romanos e as praças de mercado e feiras medievais. Portanto, observamos uma relação indissociável entre comércio e cidade, não somente pelo abastecimento da população, mas também como meio estruturante de múltiplas relações sociais.

⁸ BÍBLIA. *João*. 1950. Cap. 02, Vers. 13-17.

⁹ PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. 1999. p. 105.

¹⁰ BRAUDEL, Fernand. *Os jogos das trocas*. 1998. p. 21.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. 1991. p. 08-09.

comercializavam produtos das indústrias têxteis e vindos de outras localidades. Mas, o que mais atraía os mercadores eram os calendários das feiras, o qual favorecia o comércio na região durante todo o ano.

No Brasil, Mott define o primeiro registro das feiras no país em 1548, quando o Regimento enviado ao Governador Geral, rei Dom João III, declarava “que nas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários, feira”¹². A partir desse período as feiras se intensificam ao longo da colônia, destacando-se segundo Dantas, a feira de gado no sítio Capoame, na Bahia em 1732. Outras feiras de que se têm notícia nesse período são as de Sorocaba, da freguesia da Mata de São João, da Vila de Nazareth, de Feira de Santana e da Vila do Conde na capitania da Bahia; de Goiana e Itabaianinha na capitania de Pernambuco; e em muitas vilas e cidades de Sergipe¹³. Desde então, o fenômeno das feiras livres se estendeu por todo território nacional, sendo em algumas localidades o grande fio condutor dos mecanismos de consolidação da formação dos centros urbanos, garantindo a circulação e promoção de produtos essenciais para a garantia de um desenvolvimento das vilas, povoados e cidades, sendo assim, como afirma Guimarães, é “importantíssima a participação das feiras-livres na distribuição de gêneros alimentícios ao consumidor, mesmo porque a sua clientela é das mais variadas, no tocante às classes sociais”¹⁴.

Dessa forma, observamos que da Antiguidade à Contemporaneidade, as feiras-livres se mantiveram como permanências históricas nas relações de comércio. Diante de tal observação, quais seriam as razões para a manutenção das feiras-livres como importantes ícones dentro dos centros urbanos? Com a intensa disseminação e expansão dos grandes supermercados, suas tecnologias, comodidades, preços baixos e maiores variedades de produtos, como e por que uma forma de comércio “antiga” como as feiras-livres mantém grande importância atualmente?

Desde seu surgimento até a atualidade, as feiras-livres mantêm uma característica de comércio “informal”, tendo nas relações sociais de seus atores sua grande diferenciação em relação

¹² MOTT, L. R. de B. *A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco*. 1975. p. 309.

¹³ DANTAS, Geovany P. Galdino. *Feiras no Nordeste*. 2008. p. 99.

¹⁴ GUIMARÃES, O. *O papel das feiras-livres no abastecimento da cidade de São Paulo*. 1969. p. 15.

aos grandes centros de comércio. Assim, poderíamos atribuir às relações de sociabilidades presentes neste evento a resposta para tal indagação?

Ir à feira não representa somente o ato de vender ou comprar produtos, o evento envolve diversos valores e significados. Tal prática, além de estabelecer o comércio, define um arranjo social, que através de uma intensa sociabilidade, agrega laços sociais entre seus atores. Diante disso, mesmo sendo nítida a importância sociocultural das feiras, os trabalhos realizados neste meio, tratam, em sua maioria, de análises mercadológicas.

Alguns trabalhos influenciam esta pesquisa, dentre eles: Matos, tratando das feiras como refúgio comercial na periferia de Novo Gama-DF¹⁵; Medeiros, descrevendo as relações cotidianas nas feiras-livres de Belém-PA¹⁶; Vedana, refletindo sobre a etnografia de rua nas feiras de Porto Alegre-RS.¹⁷ Partindo destas análises, este artigo busca discutir sobre as relações de sociabilidades nas feiras-livres de Divinópolis-MG, suas transformações no espaço e as relações econômicas, culturais e sociais presentes neste universo, enfim, um local de múltiplas relações, desde o comércio, passando pelo lazer, tradições, perambulações e que resultam em um riquíssimo campo de estudos históricos, geográficos, sociológicos e antropológicos, evidenciando a importância das feiras para as cidades.

Para realização desta pesquisa, tomamos como objeto as feiras-livres dos bairros Esplanada e Niterói, da cidade de Divinópolis-MG, sendo ambas realizadas semanalmente, a primeira aos sábados, e a segunda aos domingos. O intuito foi verificar como os indivíduos que compõem o universo das feiras se relacionam e definem a importância do evento em questão. Para tanto, seguimos os princípios de uma participação ativa em campo, procurando conteúdos que, ao olhar antropológico, nos possibilitassem compreender como se configuram as relações de sociabilidades entre fregueses e feirantes, estabelecendo, assim, uma relação entre teoria antropológica e prática histórica investigativa.

Este artigo pretende demonstrar que, embora apresentando

¹⁵ MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa, *O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal*. 2012.

¹⁶ MEDEIROS, Jorge França da Silva. *As feiras livres em Belém (Pa)* 2010.

¹⁷ VEDANA, Viviane. *“Fazer a feira”*: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004.

uma essência econômica, a feira preenche também uma função sociocultural, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo “por se configurar como lugar de encontro, reencontro e lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam”.¹⁸

METODOLOGIA

A construção do olhar antropológico é, segundo Cardoso de Oliveira, “a primeira experiência do pesquisador no campo, necessária à domesticação teórica do olhar”¹⁹. Assim, é no estudo do estabelecimento de relações entre o sujeito e a sociedade, que o pesquisador consegue apreender os objetos e interpretar seus conceitos de pesquisa. Analisando as pessoas que frequentam ou já frequentaram uma feira-livre, podemos destacar um aspecto em comum entre elas, a maioria possui em suas lembranças as principais qualidades deste evento, reconhecendo nelas uma tradição cultural. Assim, para obter uma sistematização pertinente sobre o universo das feiras-livres, nada melhor que ouvir aqueles que são responsáveis pela sua realização e manutenção, feirantes e fregueses.

Realizar tal análise requer um olhar atento aos significados que sustentam as atividades nas feiras-livres, não limitando-se apenas a uma observação dos fenômenos que constituem a face superficial de suas manifestações, tratando-se assim, de uma “descrição densa”²⁰. Dessa forma, para a realização desta pesquisa, recorreremos a uma observação *in loco* e à técnica de entrevistas com uso de um gravador, pois como afirma Thompson, “a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação”.²¹

Com base na antropologia, buscamos observar as formas de sociabilidades presentes nas feiras-livres, encontrando nestas um espaço fértil para análises sociais. De acordo com Magnani, a

¹⁸ DUARTE, Ana. *Festas, Feiras e Romarias: Percursos na Costa Azul*. 1997. p. 27.

¹⁹ CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. 2006. p. 19.

²⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1989. p. 31. Para o autor, a importância da etnografia feita através da descrição densa está em perceber as particularidades, ou miudezas através da seguinte característica: “ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”.

²¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 1992. p. 44.

cidade representa um palco de resultados de inúmeras ações sociais, de diversos atores e que constituem um repertório de possibilidades²². Assim, em um estudo antropológico:

...o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia.²³

Neste contexto, uma análise “de perto e de dentro” das feiras-livres, permitiu apreendermos fazeres cotidianos deste evento, sua relevância sociocultural, observadas nos pequenos encontros, nos comentários pontuais e nas conversas prolongadas entre fregueses e feirantes. Baseados nos métodos de observar, escutar e escrever, propostos por um estudo etnográfico, utilizamos um caderno de campo, contendo anotações e reflexões particulares do pesquisador durante a pesquisa. Assim, procuramos, a partir das sociabilidades presentes nas “artes de fazer”²⁴ cotidianas de feirantes e fregueses, privilegiar as interações simbólicas que se sustentam na cultura, nos costumes e nos acordos possíveis, não somente em sua estrutura econômica/mercadológica. Trata-se, portanto, de um estudo do cotidiano dos agentes que formam este evento, buscando destacar as feiras-livres, não apenas pelas suas

²² MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Etnografia como prática e experiência*. 2009. p. 129-156.

²³ Idem. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. 2002. p. 18.

²⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de Fazer*. 1994. p. 142. Na obra, o autor discute as maneiras de pensar as práticas cotidianas dos indivíduos, destacando que toda atividade humana pode ser cultura, no entanto, em alguns momentos isso não é considerado, pois “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza.”

atividades comerciais, mas agregando os aspectos culturais e sociais daqueles que as promovem.

ORIGEM, REGULAMENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DAS FEIRAS EM DIVINÓPOLIS-MG

Segundo Cunha, o significado etimológico da palavra feira é “dia de festa”, pois durante a Idade Média, os mercadores de diversas localidades, se reuniam para realizarem seus negócios em datas festivas religiosas²⁵, no entanto, como já destacamos neste trabalho, a origem das feiras é anterior ao período medieval.

A origem das feiras-livres na cidade de Divinópolis-MG deve ser analisada seguindo dois aspectos básicos. Primeiro, a implementação das feiras-livres é oficialmente declarada pela Lei nº 648, de 25 de março de 1965, dispondo sobre a criação e localização de feiras-livres na cidade. Assim, o então Prefeito Fábio Botelho Nottini declara que:

Ao Povo de Divinópolis, por seus representantes legais, decreta e sanciono a seguinte:

Art. 1º: Ficam criadas em Divinópolis, Feiras-Livres, para a venda de produtos hortigranjeiros diretamente aos consumidores;

Art. 3º: As feiras serão realizadas, inicialmente, nos seguintes locais:

Segunda-feira: BAIRRO NITERÓI- Pracinha ao lado da usina RMV;

Sábado: BAIRRO BELO HORIZONTE - Rua Mato Grosso, entre as Ruas Pernambuco e Goiás.²⁶

Nesse sentido, definimos a origem histórica das duas feiras analisadas neste estudo. No caso da feira do bairro Niterói, seguindo a lógica que a mesma é atualmente, um seguimento da feira citada pela legislação anterior, tendo em vista, que seu local foi transferido por duas ocasiões, primeiramente para a região próxima à Igreja do Senhor Bom Jesus e atualmente nas proximidades da Vila Vicentina, além da mudança do dia de sua realização, inicialmente às segundas-feiras e atualmente aos domingos.

²⁵ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 1992. p. 107.

²⁶ DIVINÓPOLIS-MG, Prefeitura Municipal de. Leis Municipais. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/d/divinopolis/lei-ordinaria/1965/65/648/lei-ordinaria-n-648-1965-dispoe-sobre-a-criacao-e-localizacao-de-feiras-livres-na-cidade?q=feiras-livres>. Acesso em: 18 de outubro de 2016.

Como destaca o Sr, Osvaldo Ribeiro, feirante no bairro Niterói há mais de 40 anos:

Primeiro a feira era lá perto da Usina, né?! Depois a região aqui foi crescendo, aí decidiram mudar pra perto da Igreja, porque pegava o movimento maior. Só que o pessoal da Igreja pediu pra gente mudar, porque tava atrapalhando a missa, que também é no domingo de manhã. Aí, viemos aqui pra esse lugar. É até melhor sabe?! Aqui, a rua é maior, tem mais espaço para as barracas.²⁷

Por outro lado, a feira citada pela legislação, localizada no bairro Belo Horizonte, refere-se ao embrião do que se tornaria a feira do bairro Esplanada, que após ser realizada na Rua Mato Grosso, entre as Ruas Pernambuco e Goiás, transferiu-se para a Av. 21 de abril, próximo onde hoje é localizado o Supermercado ABC, e posteriormente transferida para a Av. Coronel Júlio Gontijo Ribeiro, no bairro Esplanada, onde é realizada até hoje. Dessa forma, destaca o Sr. Josias Filho, feirante há mais de 30 anos:

Fui um dos fundadores dessa feira. Começamos lá na Rua Mato Grosso, eu e mais uma turma de companheiros, vendendo tomate, abobrinha essas coisas. Depois mandaram a gente aqui pra perto de onde é o ABC, na 21 de abril. Ficamos lá um tempo, mas depois o pessoal do supermercado comprou lá né, aí pediu a Prefeitura pra mudar a gente de lugar de novo. Eles falaram que foi por causa do trânsito, mas eu acho que não, eles não queriam era concorrência mesmo né?! Depois viemos aqui pro Esplanada. Já tem mais de 25 anos que estamos aqui nesse lugarzinho.²⁸

É importante ressaltar, que em uma pesquisa baseada na oralidade a precisão das datas pode não apontar fielmente a realidade, pois correspondem à análise da memória dos feirantes, que em muitos casos, são sobrepostas ou modificadas no decorrer do tempo. No entanto, isso não diminui a importância, tampouco a necessidade destas estudos, pois segundo Lozano, “abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos”²⁹.

²⁷ RIBEIRO, Osvaldo. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 17 de setembro de 2016.

²⁸ FILHO, Josias. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 24 de setembro de 2016.

²⁹ LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. 2006. P. 15.

Para compreendermos os processos de organização das feiras-livres é importante identificar as regras gerais de seu funcionamento, tendo em vista que pessoas em interações simbólicas, necessitam de processos organizativos, se defrontando com regras, valores, projetos e metas. Nesse sentido o funcionário da Secretária de Agronegócio e um dos responsáveis pelo Setor de Apoio Feiras, Sr, Washington Lúcio, explica que:

As feiras eram responsabilidade da Secretária de Desenvolvimento e o Código de Postura quem tomava conta. Por exemplo, se você queria montar uma barraca na feira, você ia lá e se licenciava. A partir da administração do Vladimir, as feiras passaram para responsabilidade da Secretária de Agronegócio, porque teoricamente, 90% dos feirantes são produtores rurais, ligados a nossa área, automaticamente a gente tem ligação com eles, acompanha a produção e dando assistência através da EMATER. Dentro do Setor de Apoio às Feiras da Secretária de Agronegócio, existe um alvará de licenciamento para a pessoa vender, mas na prática isso não funciona. Ninguém paga nada. Aqui só não pode vender maconha, vaca e porco vivo. O resto, tudo que trazer a gente arranja um lugar pra pessoa poder vender.³⁰

Nesse sentido, a atuação da Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Agronegócio, funciona apenas como intermediadora dos possíveis conflitos que ocorrem em relação ao espaço de vendas das feiras. Anualmente, é feito um recadastramento dos feirantes que, a partir disso, podem estabelecer seus pontos de comércio. Ainda sobre a organização, acrescenta o Sr, Washington Lúcio:

Cada feirante, teoricamente, tem o espaço de 02 metros. Agora, com o passar do tempo tem gente que tem até 06 metros. Isso foi acontecendo automaticamente, ninguém gritou, ninguém falou nada. Então, tem pessoas que têm 02 metros, outros têm 01 metro, tem pessoas que vende só um bombonzinho, aí a gente arranja 0,5 metro pra ele poder vender seu bombom.³¹

Apesar da regulamentação e organização das feiras-livres

³⁰ LÚCIO, Washington. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 27 de agosto de 2016.

³¹ *Ibidem*.

serem responsabilidade da Prefeitura Municipal, a grande maioria das regras de convivência é definida entre os próprios feirantes. Assim, existe uma organização como “fluxo de significados”³², tendo como métodos práticas criadas, apropriadas e partilhadas pelas pessoas envolvidas, tornando as feiras-livres locais organizados. Nesse sentido, destaca o Sr. Washington Lúcio:

Com toda a certeza funciona mais é entre eles aqui mesmo, cada um respeita o outro, o seu espaço e eles se organizam. Mas de vez em quando tem alguns traumas né?! Dá uns problemas, alguém se sente prejudicado. Aí, a gente tenta intermediar isso. A função nossa como agente público é fazer que as feiras fluam normalmente. Estamos aqui pra ajudar. É claro que temos que respeitar a legislação sanitária, a saúde pública, mas isso não está ligado ao agronegócio. Nós somos os responsáveis pela origem do produto, como ele é feito. Agora, na venda, aí é a Secretaria da Saúde, que vê se o produto tá de acordo coma legislação. A licença que nós damos é apenas do espaço, agora as normas de venda é com a Saúde.³³

Em relação aos conflitos entre os feirantes mencionados anteriormente, estes estão ligados diretamente a possíveis atos desleais ou antiéticos, na maioria das situações por questões de concorrência de preços ou tentativas de atrair fregueses que já são pontualmente de outros feirantes. Como destaca Sr. Antônio Augusto, feirante no bairro Niterói há mais de 30 anos:

Aqui entre os feirantes não tem muita briga, só quando um tenta pegar o cliente do outro. Isso não pode fazer, a gente não aceita... Mas quase não acontece. Vez ou outra só aparece um, só que logo a gente dá um jeito de barrar isso. Acaba que aqui tem espaço pra todo mundo, né?! No final mesmo quem escolhe de quem comprar é o povo mesmo.³⁴

³² SATO, L., & SOUZA, M.P.R. *Contribuindo para desvelar a complexidade da vida cotidiana através da investigação etnográfica em Psicologia*. 2001. p. 29-47. Para os autores, é importante estabelecer que os processos organizativos estão sustentados em duas dimensões: a social e a técnica

³³ LÚCIO, Washington. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 27 de agosto de 2016.

³⁴ AUGUSTO, Antônio. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 16 de outubro de 2016.

O cotidiano do feirante começa cedo. Tanto na feira do bairro Esplanada quanto na do Niterói, como observamos nos relatos dos próprios feirantes. A respeito disso, Sr. Osmar Ferreira, feirante no bairro Esplanada há 20 anos, destaca que “nós saímos de casa na faixa de 03h30min, para poder chegar aqui, entrar com o caminhão e descarregar e *tirar ele*. Quando atrasa um cadinho é uma comédia danada *pra tirar ele* depois. E fico aqui até umas 14h00min, mais ou menos.”³⁵

O fato de chegarem tão cedo ao local onde são realizadas as feiras, pode ser justificado por diversos motivos, desde a distância onde residem os produtores, a maioria na comunidade rural da região, passando pela necessidade de organização de seus espaços, montagem das barracas e organização dos produtos e, por fim, a questão de tudo estar pronto para a chegada dos fregueses, como demonstra o testemunho do Sr. Osvaldo Costa, feirante nas duas feiras há mais de 25 anos: “tem que chegar cedo, né?! Porque o pessoal já começa a chegar pra comprar cedo também, às seis horas já tem que tá tudo arrumado, porque os fregueses começam a chegar”.³⁶

Dessa forma, embora existam mecanismos oficiais de regulamentação, fiscalização e controle das feiras-livres, os fluxos de interação constituídos pela presença de várias lógicas, baseadas nas trocas de ideias, de pontos de vista, de argumentos e experiências, fazem com que as feiras sejam compreendidas em um constante reorganizar, devido à multiplicidade de agentes distintos que delas participam.

O LUGAR DAS FEIRAS-LIVRES NA CIDADE: ECONOMIA E ESPAÇO

A grande maioria das cidades apresenta duas feições de mercados. Uma “nova e moderna”, representadas pelos grandes supermercados e *shoppings*, e outra “tradicional”, representada pelas feiras-livres e mercados menores, formando o que Santos definiu como “dois circuitos econômicos”³⁷. Segundo o autor, as feiras

³⁵ FERREIRA, Osmar. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 10 de setembro de 2016.

³⁶ COSTA, Osvaldo. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 30 de outubro de 2016.

³⁷ SANTOS, Milton. *O espaço dividido – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2004. p. 37. Segundo o autor, o surgimento de circuitos diferentes na economia, espelham a maneira pela qual estão organizados a

fazem parte de sua esfera inferior, pois é composta por atividades de pequena dimensão, com mão-de-obra intensa, mas na maioria das vezes informal. Dessa forma, a função econômica das feiras-livres está voltada, principalmente, para pequenos produtores, com destaque para “agricultura familiar”³⁸, como podemos observar no relato da Sra. Vandira Alves, feirante há 25 anos no bairro Esplanada: “começou com meu sogro aqui na feira, vendendo nossas verduras, que são todas produzidas lá no nosso sítio. Agora eu e meu esposo também estamos aqui e já estamos passando as tarefas para nossos filhos continuarem com essa cultura”.³⁹

O espaço urbano é constituído pelo trânsito intenso entre as atividades destes dois circuitos, que mesmo distintos, convivem e se influenciam diretamente. Pela grande intensidade e hegemonia, o circuito superior orienta o funcionamento do inferior. No caso das feiras-livres, a supremacia da esfera superior, através dos supermercados, é o grande responsável pela concorrência de espaço comercial entre os consumidores. Neste contexto, qual a posição das feiras-livres, em relação à crescente instalação de supermercados nas cidades?

De acordo com Jesus, a década de 1960 testemunhou a expansão de comércios de maior dimensão, como os supermercados⁴⁰. No entanto, as feiras-livres continuaram ocupando seus lugares dentro dos espaços urbanos, por não se configurarem apenas por seus aspectos econômicos e, sim, por sua diferenciação em relação aos grandes centros de comércio, ou seja, suas características para além do simples ato comercial.

Mesmo permeada pelas avenidas de acesso que conduzem um bairro ao outro, a feira-livre proporciona o surgimento de um

produção e o consumo nas cidades de países subdesenvolvidos, sendo divididas em duas esferas, superior e inferior. A primeira, caracterizada pelo capital importante e intensivo, organização burocrática, grandes estoques e preços fixos; já a segunda, com trabalho intensivo, capital reduzido, pequenos estoques e preços discutidos entre vendedor e comprador, na qual se enquadram as feiras livres.

³⁸ WANDERLEY, M. N. B. *Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro*. 1996. Cap. 1, p. 2. Para o autor, agricultura familiar define uma modalidade em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Esta combinação entre propriedade e trabalho, no entanto, assume uma grande diversidade de formas sociais.

³⁹ ALVES, Vandira. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

⁴⁰ JESUS, G. M. *O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: conflito, mudança e persistência*. 1991. p. 26.

espaço que transforma o cotidiano da cidade, tornando nítida a convivência entre o tradicional e o moderno. As mudanças provocadas pela feira, segundo DaMatta, “adquirem um sentido diferente e podem exprimir mais do que aquilo que exprimem no seu caráter normal”.⁴¹

Tais transformações no espaço, são observadas claramente nas feiras-livres aqui analisadas. Tanto as feiras do bairro Esplanada como Niterói, são realizadas em avenidas de grande circulação de pessoas e veículos. Assim, como as feiras possuem dias específicos de realização, todo o ambiente é modificado para a execução do evento, desde uma reorganização do trânsito, passando pela mudança da paisagem do local (sons, imagens), até a ocupação total do espaço. Segundo Santos, “o espaço se define como um conjunto de objetos, e a relação entres eles”⁴². Dessa forma, a conjuntura das feiras, seus personagens, os acontecimentos que as permeiam, proporcionam sempre a expansão do evento, pois as trocas entre tais produtos alimentam a manifestação de identidades dentro destes espaços, transformando as relações ali encontradas em uma grande manifestação cultural.

Com base nesse processo de significados e significantes do espaço das feiras-livres na cidade, podemos enquadrá-las no que Santos definiu como “horizontalidades”, ou seja:

As horizontalidades são o alicerce de todos os cotidianos, isto é, do cotidiano de todos. (...) São cimentadas pela similitude das ações (...) ou por sua associação e complementaridade. (...) As horizontalidades são o domínio de um cotidiano territorialmente partilhado com tendência a criar suas próprias normas, fundadas na similitude ou na complementaridade das produções e no exercício de uma existência solidária.⁴³

Nesse sentido, destacamos que apesar do intenso jogo competitivo que o capitalismo exerce na sociedade, as feiras-livres mantiveram sua “sobrevivência” e importância no cotidiano citadino, principalmente pela sua capacidade de adaptação e reorganização dentro do espaço urbano. Através das especificidades causadas pelas múltiplas relações sociais em seu contexto, as feiras-

⁴¹ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 1990. p. 63.

⁴² SANTOS, Milton. *Território e sociedade*. 2000. p.35.

⁴³ Idem. *A urbanização brasileira*. 1994. p. 54-55.

livres continuam como fortes herdeiras das antigas relações de comércio, além de grandes ícones representativos nos meios sociais e culturais. Tal fator, além das particularidades que as relações de comércio nas feiras-livres possuem, como seu caráter simbólico por exemplo, encontra-se no que Santos definiu como criação de “espaços banais”⁴⁴. Banais não de forma pejorativa, mas no sentido de entendimento da existência de um espaço em que todas as ações devem e são possíveis de serem realizadas, configurando novos arranjos econômicos, sociais, políticos e culturais na cidade, ou seja, “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações”.⁴⁵

RELAÇÕES SIMBÓLICAS NO COTIDIANO DAS FEIRAS-LIVRES: SOCIABILIDADES E CULTURA

Um palco é criado! Ainda na madrugada, os feirantes chegam com seus equipamentos, mercadorias e, aos poucos, vão surgindo as primeiras bancas. Após algumas horas, todo o espaço é ocupado por diversas barracas com mercadorias variadas, e com a chegada dos fregueses, iniciam-se as várias formas de interação ali encontradas. Faça sol, chuva, frio ou calor, lá estão eles, os atores de um evento que descende à antiguidade. As feiras analisadas, neste estudo, apresentam características semelhantes, como quase todas as feiras que conhecemos. Duas grandes fileiras de barracas e um enorme corredor no centro, onde circulam os fregueses a procura de suas preferências. Porém, cabe destacarmos algumas características gerais de nossos objetos de estudo.

A feira do bairro Esplanada, realizada aos sábados, possui, de acordo com Sr. Washington Lúcio, representante do Setor de Apoio às Feiras “aproximadamente 250 barracas, com 2 a 3 feirantes em cada uma delas, totalizando por volta de 750 pessoas trabalhando e uma estimativa de cerca de 6000 pessoas frequentam o local a cada semana”⁴⁶. Os produtos comercializados são dos mais diversos. Em um rápido levantamento, podemos citar os seguintes produtos: utensílios domésticos e brinquedos; roupas, calçados e acessórios;

⁴⁴ SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2012. p. 283.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ LÚCIO, Washington. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 27 de agosto de 2016.

peixes e frango congelados; balas, bombons, queijos e doces; frutas, verduras e legumes (que compõem a grande maioria das bancas); biscoitos caseiros e pastéis; ovos, farinhas e temperos, dentre diversos outros produtos.

Por outro lado, a feira do bairro Niterói, realizada aos domingos, de acordo com um levantamento de observação em campo, conta com cerca de 200 barracas, aproximadamente 600 pessoas trabalhando e uma circulação maior que a feira do Esplanada, por volta de 8000 pessoas passam por semana. Os produtos são praticamente os mesmos comercializados no Esplanada, tendo em vista que muitos dos feirantes participam das duas feiras.

A grande diferença entre as duas feiras em questão encontra-se nos objetivos das pessoas que compõem o evento, tanto feirantes quanto fregueses. Tal fato pode ser facilmente justificado pela diferença socioeconômica das duas regiões. No entanto, podemos evidenciar essa situação observando os testemunhos coletados nos dois ambientes. Washington Lúcio, explica a visão da Prefeitura em relação a essa questão:

As feiras são muito diferentes, são caracterizadas. As duas são bem antigas, mas a do Niterói tem mais tempo de funcionamento na mesma região, uns 55 anos, já a do Esplanada uns 32 anos, 20 naquele mesmo lugar. O público do Esplanada é um público mais do Centro, um pessoal mais de elite, que escolhe cada quiabo que compra, é um público mais exigente. É também um local de lazer. Muita gente vai lá só pra passear, só pra encontrar amigos. Tem muita gente, que quer encontrar alguém, e sabe que no sábado ele vai na feira, então acaba indo lá também. Por outro lado, a feira do Niterói já é bem diferente. Desde seus produtos, porque é o seguinte, como lá é no domingo, muitos dos feirantes que não conseguem vender seus produtos durante a semana, acabam indo pra lá escoar o restante da produção. E lá, sendo um bairro onde o poder aquisitivo é teoricamente menor, as famílias são bem maiores também, então vende-se o dobro de mercadorias do que é vendido no Esplanada.⁴⁷

Fatores como estes, citados anteriormente, refletem aspectos comuns de composição da sociedade brasileira. Obviamente, a importância das feiras, tanto do Esplanada quanto do Niterói é

⁴⁷ LÚCIO, Washington. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 27 de agosto de 2016.

incontestável. Embora as diferenças dos perfis e intenções dos indivíduos que as compõem sejam nítidas, cada uma delas de acordo com suas especificidades, desempenham um papel importantíssimo para a sociedade. Por outro lado, demonstram também, a realidade da desigualdade social presente no país, apontando como duas regiões tão próximas, situadas na mesma cidade, apresentam aspectos de qualidade de vida bem distintos.

Seguindo o mesmo sentido, podemos observar, através do relato do Sr. Alvimar Alves, feirante há 27 anos e que vende suas verduras nas duas feiras, que “no Esplanada a pessoa busca uma coisa mais especial, no Niterói, não. Lá o sujeito faz até fila pra comprar, tem dia que 10h00min já não tem mais nada em algumas bancas, o povo já comprou tudo. É um público diferente, as famílias são maiores, e o consumo de alimento é bem maior também.”⁴⁸

Para compreendermos a grande diferenciação entre as feiras-livres e os grandes centros comerciais, devemos observar duas situações, primeiro a qualidade dos produtos, como observamos no testemunho da Sra. Aparecida Teixeira, frequentadora da feira do bairro Esplanada:

Venho todos os sábados, 06h30min, já tô aqui, faz anos já. Eu procuro sempre as mesmas barracas, porque já estou acostumada com o feirante, e sei que o produto é bom. Tem produtos que são característicos da feira né?! Aqueles que têm que vir cedo, porque se vier tarde não acha mais. Tem barraca que vende a abobrinha ainda na flor, então quem gosta de abobrinha novinha sabe que aqui tem.⁴⁹

No mesmo sentido, declara o freguês Sr. Marcos Antônio: “O biscoito escaldado do Rafael é conhecido pra todo lado. O alho já descascado do Toninho. A couve já picadinha da Dona Ivone. Em que lugar eu vou achar isso tudo desse jeito?”⁵⁰

Dois fatores chamam atenção no depoimento da Sra. Aparecida e do Sr. Marcos. Primeiro, a qualidade do produto, que, diferente dos grandes centros comerciais, são mais naturais e proporcionam um contato maior do freguês ao produto. E segundo, a fidelidade e confiabilidade estabelecida entre feirante e freguês, que através do ato de venda e compra de um produto, constroem laços sociais de maior proximidade e afetividade.

No mínimo, três relações sociais merecem destaque dentro das feiras: Fregueses x feirantes; feirantes x feirantes; e fregueses

x fregueses, considerando não somente o ato comercial, mas, sim, suas conversas, brincadeiras e até debates mais amplos. Neste contexto, atribuímos às relações de “sociabilidades”⁵¹ presente nas feiras-livres o principal fator de sua “sobrevivência” no meio urbano, estabelecendo o que Mauss definiu como “fato social total”⁵². Para o autor, as simples transações econômicas, como no caso das feiras, envolvem dimensões bem mais amplas que apenas o ato comercial; como a vida social de seus participantes; estabelecimento de alianças; demarcações de espaço e laços sociais, assim:

Nesses fenômenos ‘totais’, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda a espécie de instituições: religiosas, jurídicas, morais (estas políticas e familiares ao mesmo tempo), econômicas (supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição), sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam essas instituições.⁵³

De acordo com Vedana, as feiras constituem importantes espaços comerciais e sociais, nos quais, “por meio das diversas maneiras de “fazer a feira”, atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres, formas de agir e se relacionar, fomentadas

⁴⁸ ALVES, Alvimar. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 25 de setembro de 2016.

⁴⁹ TEIXEIRA, Aparecida. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

⁵⁰ ANTÔNIO, Marcos. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 23 de outubro de 2016.

⁵¹ SIMMEL, Georg. *A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)*. 2006. p. 64. Segundo o autor, para haver sociabilidade é preciso que haja a autonomização na interação entre quem está em sociação. Por autonomização, o autor descreve o ato de se liberar determinados laços das realidades da vida. “Tal como um jogo se esvazia da vida à medida que passa a ser um mero entretenimento. O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos e interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais, esse é justamente o fenômeno da sociabilidade”

⁵² MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 1974.

⁵³ MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 1974. p. 41.

por feirantes e fregueses, ergue-se uma rede de sociabilidades”⁵⁴, que segundo Simmel “deve ser pensada como uma forma de que os sujeitos são sempre ativos na construção da vida em comum”⁵⁵. Assim, a grande variedade de indivíduos de diferentes personalidades oferece à feira uma gama infinita de relações sociais, evidenciando a multiplicidade cultural do ambiente. Como demonstra o relato do Sr, Célio Nogueira, feirante há 8 anos, nos bairros Esplanada e Niterói:

Existe um clima fraterno, sim. A gente começa a chegar a partir de três horas, pra montar as baracas. Então sempre tem uma dificuldade, um ajuda o outro a montar a banca, às vezes dá uma olhada quando a gente precisa sair um pouquinho. É um ambiente muito bom, um relacionamento de irmãos mesmo.⁵⁶

Ainda, sobre as sociabilidades nas feiras, o freguês Sr. José Antônio destaca que:

O que eu acho mais interessante nas feiras é o seguinte. É que elas criam um hábito, assim como tem gente que gosta de ir no estádio, outros gostam de ir ao teatro, tem gente que gosta de ir na feira. Tem gente que vai na feira não é pra comprar, tem gente que vai na feira é exatamente pra distrair...(nesse momento, passa um senhor ao lado e diz: Fala mentira não, Zé!), e encontrar pessoas e criam amizades.⁵⁷

A relação entre fregueses e feirantes é perceptível. Através dos testemunhos de alguns atores deste evento e também de algumas observações de campo feitas pelo pesquisador, tentaremos demonstrar como se estabelecem as sociabilidades dentro das feiras. Primeiramente, feirantes são “atores”. Para chamar a atenção dos fregueses, seja pela forma verbal ou pela forma de organização de seus produtos, fazendo dos bordões, suas “artes

⁵⁴ VEDANA, Viviane. “Fazer a feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. p. 60-62.

⁵⁵ SIMMEL, Georg. *A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)*. 2006. p. 57.

⁵⁶ NOGUEIRA, Célio. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 23 de outubro de 2016.

⁵⁷ ANTÔNIO, José. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 10 de setembro de 2016.

de dizer"⁵⁸. Durante nossa participação em campo, observamos a utilização de dizeres que, sempre com bom humor, atraem os clientes, como "*pode chegar, olhar não paga!*" ou "*tira o escorpião do bolso que a batata tá barata*". Outro ritual de chamamento de fregueses é a degustação: o feirante oferece uma pequena prova de seu produto, afim de ganhar a confiança do freguês. Todos esses fatores demonstram que, através da simpatia, cordialidade e espontaneidade, o feirante busca estabelecer um ritual de reconhecimento com o freguês, trazendo-o pra sua esfera social, como Holanda definiu ainda no período colonial, "no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês, tinha a necessidade de fazer dele um amigo"⁵⁹.

DaMatta estabelece as diferenças das relações sociais existentes entre a "casa e a rua"⁶⁰, sendo que na primeira prevalecem relações mais próximas, marcadas pela interação e coletividade, enquanto, na segunda, temos uma relação mais individualista. Neste contexto, Magnani, ao observar as relações cotidianas em bairros da periferia de São Paulo, estabelece uma categoria intermediária entre a casa e a rua. Para o autor, se a casa é lugar de convívio familiar, mais próximo e de relações mais afetivas enquanto a rua é lugar de estranhos e individualismo, temos entre estas duas esferas o "pedaço"⁶¹, lugar em que pessoas se conhecem de alguma maneira, e que estabelecem alguma forma de relação:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público (a rua), onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.⁶²

⁵⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de Fazer*. p. 337. Para o autor, "o intercâmbio ou comunicação social exige uma correlação de gestos e de corpos, uma presença das vozes e dos acentos, marcando pela inspiração e pelas paixões, toda uma hierarquia de informações complementares necessárias para interpretar uma mensagem além do simples enunciado".

⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 1995. p. 141.

⁶⁰ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 1997. p. 61.

⁶¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço. Cultura Popular e lazer na cidade*. p. 110-119.

⁶² Ibidem. p. 116.

Dessa forma, podemos caracterizar as relações de sociabilidade presente nas feiras-livres como conjunto de práticas cotidianas daqueles que pertencem ao seu “pedaço”, de uma forma menos intensa que na casa, no entanto, mais afetuosa que na rua. Tal fato pode ser claramente observado no relato do Sr. Expedito Gomes, frequentador da feira do bairro Esplanada:

Tem mais ou menos uns 30 anos que eu frequento a feira aqui, e quando eu não venho, fica faltando alguma coisa. Todo mundo aqui é amigo, sabe?! Os feirantes os usuários, todo mundo conversa, aí acaba virando um ponto de encontro de amigos. O dia que um não aparece, a gente logo pensa: Uai...Por que Fulano não veio hoje, será que aconteceu alguma coisa?!⁶³

A lógica que define quem pertence ou não ao “pedaço” da feira-livre é basicamente orientada pelas relações de sociabilidades entre fregueses e feirantes. Neste sentido, observamos que além de práticas de comércio, as relações entre os sujeitos que pertencem ao “pedaço” da feira promovem códigos comuns de ética, lealdade e solidariedade, através de tradições e histórias que fortalecem os laços sociais.

Segundo DaMatta, quando o ritual de reconhecimento é bem sucedido, mesmo que em situação de conflito, a afetividade tende a facilitar a resolução do problema⁶⁴. Por se tratar de uma relação socioeconômica, o ato de venda e compra pode gerar conflitos, no entanto, quando a relação entre freguês e feirante é bem estabelecida, esse tumulto é facilmente contornado, muitas vezes, estreitando ainda mais os laços sociais entre os indivíduos, como demonstra o relato do Sr. Felipe Henrique, feirante há 14 anos nas duas feiras:

Aqui nós conhecemos de verdade o freguês, né?! Acaba que todo mundo se torna amigo, um sempre ajuda o outro, tanto entre os feirantes e entre os fregueses. Acaba que no final isso é bom pra todo mundo, por exemplo, a gente acaba deixando fiado porque conhece o freguês, e isso *torna ele* fiel ao feirante. É isso que faz da feira um lugar

⁶³ GOMES, Expedito. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 08 de outubro de 2016.

⁶⁴ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 1997. p. 27.

diferente. Aqui nós somos todos amigos, quase uma família mesmo.⁶⁵

Tal relato, toca em aspectos muito interessantes observados no ambiente das feiras. A “pechincha e o fiado”⁶⁶. Os dois atos só são possíveis quando o freguês já é considerado do “pedaço” da feira. Logo, existem possibilidades de acordos diferentes e sempre novos, levando em consideração as circunstâncias ou problemas que se apresentem, como um “fenômeno reticular”⁶⁷. DaMatta chama a atenção para a importância da sociabilidade e das relações sociais em nossa sociedade, pois aquele que está fora deste convívio, tende a se distanciar⁶⁸. Viver em sociedade é consequentemente se relacionar com outro. Estar de fora de um “pedaço” ou de uma rede de significados, demonstra certo isolamento do indivíduo. Na feira, podemos observar diversos laços, com inúmeros significados e contextos particulares, como destaca o testemunho do Sr. Moisés Santos, feirante há 18 anos, no bairro Esplanada:

Tem amigos que vão na feira só pra tomar café, porque sabe que aqui tem um bolinho de fubá ou um biscoito frito na hora. Então isso existe, inclusive tem aumentado muito, sabe, esse negócio da feira como local de lazer. Tem muita gente aí que quando tá com parente de fora em casa, traz aqui pra feira, só pra passear mesmo.⁶⁹

Assim, no jogo das relações que observamos nas feiras-livres, o sujeito necessita de uma formação de elos com outros. Dessa forma, a feira não é constituída por feirantes e fregueses de forma

⁶⁵ HENRIQUE, Felipe. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 09 de outubro de 2016.

⁶⁶ Em termos populares, pechincha define o ato de negociar o preço do produto objetivando adquiri-lo por um valor abaixo do inicialmente ofertado. Fiado define o ato de compra de determinado produto para pagamento posterior à sua aquisição.

⁶⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. 1994. p. 29. Para o autor, “a característica especial desse tipo de processo, que podemos chamar de imagem reticular, é que, no decorrer dele, cada um dos interlocutores forma ideias que não existiam antes ou leva adiante ideias que já estavam presentes. Mas a direção e a ordem seguidas por essa formação e transformação das ideias não explicáveis unicamente pela estrutura de um ou outro parceiro, e sim pela relação entre os dois”.

⁶⁸ DAMATTA, Roberto. *Op. cit*, 1997. p. 18.

⁶⁹ SANTOS, Moises. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

isolada, mas sim, pelas relações sociais estabelecidas entre eles, os legitimando dentro de um espaço social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como propósito geral, este trabalho procura exaltar a importância das feiras-livres para o desenvolvimento de diversas atividades dentro do município de Divinópolis-MG. Procuramos, pois, não estabelecer o simples ato de venda e compra de produtos, como o principal fator de estabelecimento e manutenção desse tipo de comércio no meio urbano. Através de uma observação de campo, recolhemos informações que nos permitissem demonstrar as feiras, como conjunto de práticas sociais com diversos significados para aqueles que delas participam, sejam fregueses ou feirantes.

Obviamente, a economia é fator indissociável em uma relação de comércio como a existente nas feiras-livres. No entanto, procuramos chamar atenção para a função social das feiras, representada pela interação, encontros de amigos e até mesmo novas relações. O tratamento entre feirantes e fregueses é outro traço marcante neste universo. A maneira intimista e cordial desenvolvida entre tais atores é evidenciada pela relação de credibilidade e fidelidade entre estes, garantindo trocas de experiências e saberes que ultrapassam a questão unicamente econômica.

Outro fator que procuramos destacar nas feiras, é sua função cultural. Como já citado neste artigo, as feiras livres representam uma das mais antigas formas de comércio, isso demonstra a capacidade de adaptação deste evento, que mesmo com as transformações do mundo moderno, mantém sua tradição, prestígio e identidade, preservando seus aspectos de manifestação cultural baseados no comércio popular e nas relações humanas nelas encontradas, como observamos nas palavras do freguês Sr. Alberto Silva, “toda cidade tem que ter praças, igrejas, escolas e feiras”.⁷⁰

Em suma, esperamos que este trabalho, através dos testemunhos de fregueses e feirantes, contribua para o desenvolvimento de uma História Local, Regional, Cultural e Social, do município de Divinópolis-MG, além de devolver a estes sujeitos suas experiências de vida, visto que o ambiente das feiras representa para eles, grandes lembranças de suas próprias histórias. Assim, nas

⁷⁰ SILVA, Alberto. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 29 de outubro de 2016.

palavras de Thompson “a história oral devolve a história as pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.⁷¹

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. *João*. Português, Bíblia Sagrada. Versão de Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Da Américas, 1950. Cap. 02, Vers. 13-17.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e campo. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BRAUDEL, Fernand. *Os jogos das trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2. p. 21.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – 1: Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- DANTAS, Geovany P. Galdino. *Feiras no Nordeste*. In: Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, Fortaleza-CE, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.
- _____. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Guanabara, 1990.
- DUARTE, Ana. *Festas, Feiras e Romarias: Percursos na Costa Azul*. Costa Azul: Ed. Costa Azul, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: LTR, 1989.
- GUIMARÃES, O. *O papel das feiras-livres no abastecimento da cidade de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Geografia/ USP, (Série Teses e Monografias, n.2), 1969.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷¹ THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 1992. p. 337.

JESUS, G. M. *O lugar da feira livre na grande cidade capitalista: Conflito, mudança e persistência* (Rio de Janeiro: 1964 – 1988). Dissertação de Mestrado, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 1991.

LE GOFF, Jacques. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. *Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea*. In: Usos & abusos da história oral. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço. Cultura Popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. In: *Horizontes antropológicos*. 2009, v.15, n.32, p. 129-156.

MATOS, Benedito Erivaldo de Sousa, *O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal*. Distrito Federal, Brasília, 15 de dezembro de 2012. 42 p. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012). Monografia, Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia, 2012.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. *As feiras livres em Belém (Pa)* / Jorge França da Silva Medeiros; orientador, Gilberto de Miranda Rocha Silva – 2010. Inclui bibliografias. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2010.

MOTT, L. R. de B. *A feira de Brejo Grande: estudo de uma instituição econômica num município sergipano do Baixo São Francisco*. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas-SP, 1975.

MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. Tradução: Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1999.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. *Território e sociedade*. 2 ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. *O espaço dividido – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4. Ed 7ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SATO, L., & SOUZA, M.P.R. *Contribuindo para desvelar a complexidade da vida cotidiana através da investigação etnográfica em Psicologia*. Psicologia USP. São Paulo, 2001.

SIMMEL, Georg. *A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)*. In: *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VEDANA, Viviane. *“Fazer a feira”: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. *Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro*. In: *Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas*. TEDESCO, J. C. (org.). 2a. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1996.

WEBER, Max. *Conceitos e Categorias da Cidade*. In: *O Fenômeno Urbano*, Otávio Velho (org). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 67-68.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

ALVES, Alvimar. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 25 de setembro de 2016.

ALVES, Vandira. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

ANTÔNIO, José. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 10 de setembro de 2016.

ANTÔNIO, Marcos. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 23 de outubro de 2016.

AUGUSTO, Antônio. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 16 de outubro de 2016.

COSTA, Osvaldo. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 30 de outubro de 2016.

FERREIRA, Osmar. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 10 de setembro de 2016.

FILHO, Josias. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 24 de setembro de 2016.

GOMES, Expedito. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 08 de outubro de 2016.

HENRIQUE, Felipe. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 09 de outubro de 2016

LÚCIO, Washington. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 27 de agosto de 2016.

NOGUEIRA, Célio. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 23 de outubro de 2016.

RIBEIRO, Osvaldo. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 17 de setembro de 2016.

SANTOS, Moises. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

SILVA, Alberto. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 29 de outubro de 2016.

TEIXEIRA, Aparecida. Entrevista concedida a Gabriel Moura Silva. Divinópolis-MG, 15 de outubro de 2016.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

DIVINÓPOLIS-MG, Prefeitura Municipal de. *Leis Municipais*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/d/divinopolis/lei-ordinaria/1965/65/648/lei-ordinaria-n-648-1965-dispoe-sobre-a-criacao-e-localizacao-de-feiras-livres-na-cidade?q=feiras-livres>. Acesso em: 18 de outubro de 2016.
